

Caríssimo Dom Hugo Van Stekelenburg, bispo emérito de Almenara, que tanto nos honra com sua presença fraterna;

Estimados presbíteros, diácono, religiosos, religiosas, consagrados e consagradas, seminaristas, cristãos leigos e leigas, educadores e educadoras, autoridades aqui presentes e representadas. Saudação especial me dirijo às caríssimas Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas, na pessoa da Ir. Joaquina Aparecida do Nascimento, Superiora Geral da Congregação.

“Eu sou a porta. Quem entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem. O ladrão só vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,9-10). Com essas palavras do IV Evangelho, repletas de alegria e de esperança, me dirijo a tantas pessoas do nosso querido Vale do Jequitinhonha e de tantas outras regiões, que tiveram a grata satisfação de fazer parte da história deste Centenário, que ora celebramos, como coroamento das festividades deste ano jubilar de fundação do Colégio Nazareth.

Vida é o tema principal deste IV Domingo da Páscoa, dedicado ao Bom Pastor. Jesus se apresenta como o “Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas” (Jo 10,11). A sua missão é resumida em poucas palavras: “para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Por três vezes, a passagem do Evangelho se refere ao tema da “porta”. É no umbral de Jesus Cristo que as ovelhas têm acesso às pastagens, ao repouso e à segurança. Como rezamos com o salmista: “O Senhor é o pastor que me conduz; para as águas repousantes me encaminha” (Sl 22,1-2). Eis o umbral da salvação!

É anunciando Jesus Cristo crucificado-ressuscitado que o apóstolo Pedro forma a primeira comunidade de Jerusalém, conforme ouvimos na Primeira Leitura. O percurso anunciado por Pedro é: conversão, batismo e dom do Espírito Santo (cf. At 2,38). A Segunda Leitura continua apresentando a centralidade de Jesus Cristo na vida de fé: “Sobre a cruz, carregou nossos pecados em seu próprio corpo, a fim de que, mortos para os pecados, vivamos para a justiça. Por suas feridas fostes curados” (1Pd 2,24). A Palavra

nos recorda que antes andávamos “como ovelhas desgarradas”, mas agora voltamos “ao Pastor e guarda de nossas vidas” (1Pd 2,25).

A missão da Igreja continua a missão dos Apóstolos que, por sua vez, continua a missão de Jesus Cristo. Assim, a missionariedade da Igreja é sua característica fundamental. Para isso, Jesus fundou e enviou a Igreja, para ser testemunha do Evangelho até os confins do mundo: “Ide pelo mundo inteiro e pregai o Evangelho” (Mc 16,15). Desde aquele envio do Mestre, não paramos de seguir os passos dos Apóstolos, levando a Boa Notícia do Reino de Deus a todos os povos e promovendo vida para todos.

Foi com este espírito missionário que as Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas atenderam o convite de Dom Serafim Gomes Jardim, primeiro bispo desta sede episcopal, e seu Vigário Geral, Frei José de Haas, que, anos depois, seria o seu sucessor na Cátedra de Araçuaí e que tinha uma irmã de sangue na Congregação. O ideal originário, pensado pela fundadora, Ir. Joana de Jesus, era “viver num profundo espírito de contemplação, penitência e recolhimento, atentas aos apelos da realidade através dos constantes pedidos de oração”. De repente, descortinou-se um horizonte missionário, já latente no espírito da Congregação.

Era o dia 23 de abril de 1926, quando as Irmãs chegaram na “Terra das araras grandes”. A longa viagem fora empreendida de navio desde o dia 9 de março, quando saíram do porto de Amsterdã, na Holanda, com destino ao Rio de Janeiro. Depois viajaram em um navio costeiro até Vitória, no Espírito Santo, onde descansaram por um dia. A viagem seguiu ainda no mesmo navio costeiro até Caravelas na Bahia, e lá embarcaram de trem, pela antiga estrada de ferro Bahia-Minas. Tendo chegado em Teófilo Otoni, permaneceram lá por alguns dias, por causa das chuvas. Retomaram a viagem de trem até Queixada e, dali, seguiram em lombos de animais até Araçuaí. Itinerário digno das grandes viagens missionárias como aquelas de São Paulo e tantos outros apóstolos, missionários e missionárias. Imaginemos o choque cultural que essas valorosas missionárias tiveram: aprender uma língua muito diferente, os hábitos de alimentação e higiene de uma cultura tão distante do país de origem, e, ainda, manter o ardor missionário, mesmo longe de suas realidades e pessoas do convívio familiar e religioso...

Logo que chegaram ao destino da viagem, começaram a colocar em prática o projeto educacional, fundando o Colégio Nazareth. No mês seguinte, iniciaram as aulas, com poucas alunas. Um ano depois começaram o sistema

de internato, estendendo o atendimento a estudantes da região. A atuação das Irmãs foi primordial para a relevância do ensino e da cultura no Nordeste do Estado de Minas Gerais e consequente evangelização na região. Cem anos se passaram desde a chegada das Irmãs Boavida, Amália, Guilhermina, Beatriz, Aquilina e Angélica. Quantas pessoas passaram por este Colégio! Quantas vocações aqui foram colhidas! O serviço da educação tem sido verdadeira ação missionária.

O querido Papa Leão nos ensina que *“a educação não mede seu valor apenas pelo eixo da eficiência: ela o mede pela dignidade, pela justiça e pela capacidade de servir ao bem comum”*. Com essas palavras, na sua Carta Apostólica “Desenhar novos mapas de esperança”, de 27 de outubro, por ocasião do sexagésimo aniversário da Declaração Conciliar *Gravissimum Educationis*, o Papa nos incentiva a fortalecer e animar a missão educativa da Igreja. Continua ele: *“O desejo e o coração não devem ser separados do conhecimento: isso significaria quebrar a pessoa. A universidade e a escola católica são lugares onde as perguntas não são silenciadas e a dúvida não é banida, mas sim acompanhada”*. A educação católica não se resume a um espaço de transmissão de conhecimentos, mas *“tem a tarefa - alerta o Papa - de reconstruir a confiança num mundo marcado por conflitos e pelo medo, lembrando que somos filhos, não órfãos: dessa consciência nasce a fraternidade”*.

Foi com essa vocação que se edificou e se consolidou o Colégio Nazareth. No decorrer destes cem anos, essa prestigiosa escola católica vem cumprindo sua missão de formar gerações, com valores éticos e evangélicos, para servir a humanidade, com a consciência de que somos todos irmãos e irmãs. Somente a educação de qualidade, baseada em princípios cristãos e a sensibilidade para com as pessoas que nos interpelam e o mundo que nos cerca, pode gerar a tão sonhada nova humanidade.

A presença missionária das Irmãs Franciscanas não se limitou nos muros deste Colégio. Logo elas partiram em missão para visitar as famílias e as comunidades. A presença delas na Ação Social, junto aos idosos, enfermos, pessoas em situações especiais de vulnerabilidade, crianças e adolescentes são uma demonstração do carisma franciscano que inspirou a Congregação.

Aqui estamos unidos para louvar a Deus por tantas graças concedidas ao povo do nosso querido Vale do Jequitinhonha, através da presença das Irmãs Franciscanas Recoletinas e de tantos educadores de qualidade que fizeram a

história de cem anos de dedicação e que legaram a esta nobre instituição de ensino lugar de excelência e referência para a educação no Nordeste do Estado de Minas Gerais. Em nome de tantas pessoas que foram beneficiadas por esse alto nível de formação humana e intelectual, agradeço a cada irmã e a cada educador e educadora que por aqui passaram. Deus lhes pague!

O mundo continua a clamar por vida, por justiça, por solidariedade. Jesus continua a nos alertar para o seu ideal missionário: “para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10). O Colégio Nazareth tem como inspiração uma das pessoas que mais se assemelharam a Jesus Cristo e seu projeto evangelizador, São Francisco de Assis. Celebramos neste ano o oitavo centenário de sua Páscoa definitiva, o seu trânsito, como é chamada a sua morte. Deste grande santo, recebemos três principais eixos que iluminam o horizonte sombrio da humanidade: o amor aos pobres, o desejo da paz e o cuidado com o mundo criado. Desejamos que o Colégio Nazareth fortaleça sua vocação e continue sua missão educadora no Vale do Jequitinhonha com esses três eixos imprescindíveis para formar novas gerações.

Assim, poderemos continuar sonhando com um novo Vale do Jequitinhonha. É preciso continuar trabalhando para a superação da pobreza, especialmente a pobreza de caráter que a educação de qualidade pode transformar. É preciso persistir na construção da cultura da paz que supera toda a violência e desrespeito pela dignidade do ser humano. É preciso, ainda, trabalhar por uma educação que faça enxergar que vidas humanas importam e que o mundo criado não pode pagar o preço por um desenvolvimento que beneficia somente uma classe de abastados. A verdadeira educação nos faz enxergar o valor da vida humana, sua dignidade e o respeito pela ecologia integral.

Como Jesus Cristo, o Colégio Nazareth tem a vocação de ser porta. Porta que se abre para um horizonte de libertação e de acesso à vida plena que somente o Bom Pastor pode proporcionar. Adentrando os umbrais de esperança desta casa edificada nesses cem anos, que a rica tradição e cultura do Vale do Jequitinhonha continue a ser valorizada; que os valores éticos e evangélicos continuem a ser respeitados e propagados; que os pobres sejam acolhidos e promovidos; que a paz seja edificada como fruto do amor e da justiça; e que a ecologia integral seja ensinada e propagada contra toda ganância e exploração das nossas riquezas naturais, dos nossos fecundos territórios e de nossa querida gente, maior riqueza do Vale do Jequitinhonha.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!